

Entre Plumas e Pele: Performatividade de Gênero e Resistência no filme Homem com H, de Ney Matogrosso¹

Yuri Demartini Bernardo²

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-São Paulo)

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

Resumo

Este artigo propõe uma análise do filme *Homem com H* (2025), dirigido por Esmir Filho e com a presença marcante de Ney Matogrosso, como uma narrativa estética e política sobre dissidência de gênero, subjetividades *queer* e resistência cultural no Brasil. Longe de uma narrativa documental tradicional, o filme mistura linguagens, entrelaçando performances, recriações ficcionais e imagens de arquivo, o que permite um mergulho poético e simbólico no universo do artista. A partir de uma metodologia qualitativa, baseada na análise de cenas selecionadas, articulamos a construção imagética e performática de Ney Matogrosso com as noções de performatividade de gênero (Butler), biopolítica do corpo (Preciado) e estética da resistência (Tiburi). Argumentamos que o cantor encarna um corpo desobediente, cuja arte desafia os regimes da masculinidade, da sexualidade e da normatividade estética.

Palavras-chave: Ney Matogrosso, performatividade, masculinidade dissidente, estética *queer*, resistência cultural

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Yuri Demartini Bernardo mestrando pela ESPM-São Paulo. E-mail: yuridemartini22@gmail.com

Introdução

Lançado em 2025 e dirigido por Esmir Filho, o longa-metragem *Homem com H* se distancia da narrativa linear ou documental para construir uma proposta cinematográfica inovadora e provocativa. A obra entrelaça diversas linguagens, como performance, teatro, musical e ensaio visual, criando um retrato multifacetado e inquietante de Ney Matogrosso, uma figura icônica da música brasileira desde os anos 1970. Interpretado a si mesmo, Ney é também reinventado através de camadas ficcionais que exploram sua sensualidade, provocação e o mistério que cercam sua persona pública.

A escolha de não apresentar a trajetória de Ney de forma convencional permite que o filme mergulhe nas complexidades de sua identidade, refletindo sobre as construções sociais que cercam a masculinidade e a sexualidade. Através de uma estética ousada e uma direção artística cuidadosa, *Homem com H* se torna um espaço de experimentação, onde a performance é usada como ferramenta de resistência e autoafirmação. Ney Matogrosso não é apenas um artista, ele é uma força que desafia as normas estabelecidas, evocando uma discussão sobre a liberdade de expressão e a diversidade no cenário cultural contemporâneo.

O filme investiga, assim, como a linguagem cinematográfica constrói a imagem de Ney Matogrosso como um corpo político e uma performance de resistência. Através de uma análise cuidadosa de cenas específicas, a obra se revela como uma expressão de uma poética *queer*, onde corpo, voz e estética são mobilizados para desafiar a masculinidade hegemônica e contestar a moralidade conservadora. A representação de Ney é uma celebração da diversidade, que se opõe à repressão e à marginalização frequentemente enfrentadas por indivíduos que não se encaixam nos padrões tradicionais de gênero.

Em um período de crescente repressão à diversidade, à arte e à liberdade de expressão, a figura de Ney Matogrosso se torna ainda mais significativa. Ele é visto não apenas como um artista, mas como um sujeito político que atua no campo simbólico e cultural, utilizando estéticas dissidentes para provocar reflexões sobre identidade e gênero. O

filme, portanto, não é apenas um tributo a uma carreira brilhante, mas também um manifesto sobre a luta por liberdade e aceitação em um mundo que frequentemente marginaliza vozes como a dele.

O filme não apenas retrata a vida de Ney Matogrosso, mas também convida o público a uma reflexão mais ampla sobre a condição humana, a busca por autenticidade e a importância de abraçar a diversidade em todas as suas formas. Através de sua narrativa e estética impactante, estabelece, assim, como uma contribuição vital ao diálogo sobre diversidade e expressão artística, ressaltando a necessidade de visibilidade e representação em um mundo que continua a lutar contra preconceitos enraizados. Esta obra, portanto, é considerada um chamado à ação, que convida cada um de nós a questionar e desafiar as normas que nos cercam.

Objetivos

Objetivo Geral

Analisar o filme *Homem com H* (2022), de Esmir Filho, como uma narrativa estética e política que, ao representar a figura de Ney Matogrosso, tensiona normas de gênero e sexualidade, mobilizando elementos da performance e da dissidência queer como formas de resistência cultural no Brasil contemporâneo.

Objetivos Específicos

Investigar como o filme constrói a imagem de Ney Matogrosso como corpo político, poético e performático, por meio de linguagens híbridas que mesclam performance, ficção, música e arquivos;

Examinar, a partir da análise de cenas selecionadas, como o corpo, a voz e a performance do artista funcionam como dispositivos de subversão da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade;

Articular as representações visuais e simbólicas do filme com os conceitos de

performatividade de gênero (Judith Butler), biopolítica do corpo (Paul B. Preciado) e estética da resistência (Marcia Tiburi).

Referencial Teórico

O arcabouço teórico deste trabalho situa-se nos estudos de gênero, cultura e performance, com ênfase nas noções de performatividade, subjetividade *queer* e estética da resistência. Judith Butler (2003) propõe que o gênero não é um dado natural, mas um ato performativo reiterado, cuja repetição abre brechas para a subversão das normas estabelecidas. Nesse sentido, ao encarnar expressões de gênero não normativas, sujeitos como Ney Matogrosso evidenciam o caráter construído e instável do masculino e do feminino, desafiando as categorias rígidas que muitas vezes limitam a identidade.

Essa ideia de performatividade é crucial, pois sugere que o gênero é um conjunto de ações e comportamentos que podem ser reinterpretados e reconfigurados. Através de suas performances, O cantor não somente desafia as normas, mas também convida o público a refletir sobre a fluidez das identidades de gênero. Sua presença artística se torna um campo de experimentação onde novas formas de ser e expressar se tornam possíveis, promovendo uma libertação das amarras da normatividade.

Paul B. Preciado (2018) amplia essa discussão ao propor que o corpo contemporâneo esteja submetido a regimes farmacopornográficos, nos quais a sexualidade é regulada por discursos médicos, midiáticos e tecnológicos. O autor argumenta que essa regulação não apenas molda a forma como os corpos são percebidos e vividos, mas também como a sexualidade é experienciada no cotidiano. A construção de um corpo performático, como o de Ney, opera nesse cruzamento entre biopolítica e estética, revelando como a arte pode servir como um meio de resistência contra as forças que tentam controlar e categorizar a sexualidade.

Richard Dyer (2002), ao abordar a representação da homossexualidade no cinema, enfatiza que a visibilidade *queer*, mesmo quando estilizada ou performada, carrega um

potencial político ao desafiar os modelos tradicionais de identidade sexual e de gênero. Essa visibilidade, portanto, não é apenas sobre representação, mas sobre a capacidade de provocar mudanças significativas nas percepções sociais. A arte de Ney Matogrosso, ao ser exibida no cinema, se torna uma forma de resistência, estimulando diálogos sobre a diversidade e a aceitação em um contexto muitas vezes hostil.

Marcia Tiburi (2015) propõe o conceito de “corpos dissonantes” para designar sujeitos que, por meio da arte, recusam o modelo corporal imposto pela lógica do consumo, do controle e da obediência. Esses corpos dissonantes são fundamentais para a construção de uma estética da resistência, pois desafiam as normas dominantes e propõem novas possibilidades de ser e existir. Ney, com sua estética provocativa e performática, encarna essa dissonância, utilizando sua arte para questionar e redefinir o que significa ser um corpo queer na sociedade contemporânea.

Complementam essa base teórica os estudos de Victor Seidler (1997) e R. W. Connell (1995), que desconstruem a masculinidade hegemônica e pensam a emergência de masculinidades plurais, sensíveis, vulneráveis e politicamente críticas. Essas masculinidades emergentes, como a que se manifesta na figura pública de Ney Matogrosso, desafiam a ideia de que a masculinidade deve ser sinônimo de força e dominação. Em vez disso, elas abrem espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva da masculinidade, onde a vulnerabilidade e a sensibilidade são valorizadas.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com ênfase na análise fílmica, fundamentando-se em autores como Xavier (2005) e Aumont (1995). A análise concentra-se nos aspectos visuais, sonoros, simbólicos e performáticos do filme *Homem com H*, entendendo-o não apenas como um espelho biográfico de Ney Matogrosso, mas como uma narrativa poética e política que utiliza o corpo do artista como plataforma de significados. Essa abordagem permite explorar as diversas camadas de interpretação que o filme oferece, ressaltando sua complexidade e relevância no contexto cultural atual.

A metodologia deste trabalho envolve a seleção de cenas que evidenciam os principais eixos temáticos centrais à análise do filme. O primeiro eixo, corpo e erotismo, refere-se à encenação do corpo de Ney Matogrosso, cuja exposição e erotização servem como reflexo das questões de gênero e sexualidade contemporâneas. Ney transforma seu corpo em uma tela que projeta as tensões e contradições inerentes à identidade queer, desafiando as normas estabelecidas.

O segundo eixo, voz e dissidência, aborda o uso da voz de Ney como um signo de ambiguidade e resistência. Sua voz transcende a comunicação verbal, tornando-se um veículo de expressão que desafia as normas tradicionais de masculinidade. O artista utiliza sua voz para explorar uma gama de emoções e identidades, criando um espaço onde a ambiguidade é celebrada.

O terceiro eixo, palco como espaço político, considera a performance artística de Ney Matogrosso como uma intervenção cultural que questiona as estruturas sociais e políticas. O palco se transforma em um território de transgressão, onde o mesmo desafia além das normas de gênero, as convenções sociais que moldam a percepção da arte e da identidade. As performances operam como uma forma de resistência, abordando temas como a liberdade de expressão e a aceitação da diversidade, e revelando a arte como um ato político que instiga o público a refletir sobre as injustiças sociais e a necessidade de mudança. Esses eixos, ao serem explorados em conjunto, proporcionam uma análise rica e profunda da obra, destacando a relevância do cantor como uma figura central na luta pela diversidade e pela liberdade de expressão.

Estes elementos serão discutidos em articulação com o referencial teórico, visando compreender como o filme mobiliza a imagem de Ney Matogrosso como uma figura de resistência *queer*. A análise busca revelar não apenas a estética da obra, mas também seu impacto político e social, considerando o contexto de crescente repressão à diversidade e à liberdade de expressão.

A escolha das cenas baseou-se em três critérios principais: (1) a centralidade da performance de Ney Matogrosso, relacionada à dissidência de gênero e estética queer; (2) a relevância para a resistência à masculinidade hegemônica e heteronormatividade; e (3) o potencial de articulação com conceitos teóricos, como performatividade de gênero (Judith Butler), biopolítica do corpo (Paul B. Preciado) e estética da resistência (Marcia Tiburi).

Foram selecionadas três cenas centrais. A primeira é a performance de “Homem com H”, onde Ney, com o corpo parcialmente nu e maquiagem intensa, se apresenta em um ambiente com luzes vermelhas, criando uma cena erótica analisada pela performatividade de gênero. A segunda cena é um monólogo em que Ney fala sobre sua sexualidade, defendendo a liberdade de ser sem rótulos. O close reforça sua subjetividade, e a análise se baseia em autores como Richard Dyer e Victor Seidler, que discutem masculinidades dissidentes. A terceira cena recria a fase de Ney com o grupo Secos & Molhados, onde ele aparece maquiado e em figurinos andróginos, evocando figuras mitológicas. Essa performance é vista como uma resistência estética, em diálogo com a ideia de corpo dissonante e palco político, segundo Marcia Tiburi.

Análise das Cenas

Corpo e Erotismo

Uma das cenas mais potentes do filme apresenta Ney Matogrosso em uma performance estilizada de Homem com H, onde seu corpo quase nu é, iluminado por luzes quentes que acentuam suas gestualidades ambíguas. A câmera focaliza os detalhes do corpo — pelos, pele, músculos — e também sua artificialidade, marcada por maquiagem, figurino e iluminação. Nesse contexto, o corpo se torna um signo flutuante, simultaneamente masculino e feminino, humano e mítico, sensual e político.

Segundo Butler (2003), a performatividade de gênero é um jogo de repetições que pode ser reencenado para romper com expectativas normativas. O corpo de Ney Matogrosso, como aparece no filme, é um espaço de reinvenção contínua do gênero, desafiando as categorizações tradicionais. Preciado (2018) argumenta que o corpo contemporâneo é

controlado por biopolíticas da sexualidade e do desejo. No entanto, a performance do artista recusa essas tecnologias de controle, expondo o corpo em sua estranheza e beleza desobediente, desafiando a utilidade e as classificações que a sociedade impõe.



Figura 1: Jesuíta Barbosa, que interpreta Ney Matogrosso em cena da música Homem com H.

(Fonte: GShow.Globo).

Voz e Dissidência

A voz de Ney Matogrosso, aguda, limpa e performática, é um dos elementos centrais do filme. Existem cenas em que ele narra sua trajetória com um tom reflexivo, intercaladas com momentos em que canta e encarna múltiplos personagens. Nesse contexto, a voz não é apenas som; ela se torna corpo, gênero e linguagem.

Dyer (2002) mostra como a voz pode expressar subjetividades dissidentes, mesmo em ambientes normativos. A voz de Ney escapa das expectativas da masculinidade tradicional, sendo fluida, teatral e, por vezes, caricata ou melancólica, sempre ambígua. Seidler (1997) propõe que a masculinidade ocidental é construída a partir da negação da sensibilidade e da emoção. A voz de Ney, emotiva, andrógina e lírica, desafia essa lógica. No filme, sua voz aparece como uma extensão do corpo, funcionando como uma mediação entre o íntimo e o político, entre o desejo e a cena.

O Palco como Território Político

O filme investe em cenas de performances icônicas, especialmente das décadas de 1970 com os Secos & Molhados, onde Ney surge com rosto pintado, figurinos teatrais e movimentos corporais intensos. O palco é apresentado como uma zona de transgressão, um espaço onde o corpo pode se transformar, onde o masculino pode se maquiar e onde a arte pode servir como denúncia.



Figura 1: Jesuíta Barbosa, que interpreta Ney Matogrosso em cena com a banda Secos e Molhados.
(Fonte: TecMundo).

Marcia Tiburi (2015) argumenta que a estética da resistência ocorre quando o corpo não obedece aos comandos da moral dominante. Ney Matogrosso transforma o palco em um território de invenção, onde gênero, sexualidade e arte são constantemente reinventados. O filme não apenas registra essas performances, mas as reencena com recursos cinematográficos — cortes, trilha sonora e colagens — que acentuam sua dimensão simbólica e política. Assim, o filme provoca uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e culturais que moldam nossas percepções de gênero e identidade.

Considerações Finais

O filme *Homem com H*, ao retratar Ney Matogrosso como uma figura performática e poética, não apenas homenageia sua rica trajetória artística, mas também propõe uma leitura crítica e política do corpo, da arte e da dissidência no Brasil contemporâneo. Ney é apresentado ao longo da obra como alguém que escapa às classificações fáceis: ele não se encaixa no conceito normativo de homem, nem no de mulher; sua sexualidade não se limita a um entendimento convencional de homossexualidade; e sua presença desafia as fronteiras entre o pop e o alternativo. Ney é, antes de tudo, um fluxo, uma invenção e um risco constante, representando a complexidade da identidade em um mundo que muitas vezes busca reduzi-la a categorias simples.

O filme mobiliza cenas que evidenciam o corpo, a voz e a performance, construindo uma figura *queer* cuja força estética reside exatamente em sua indisciplina. Ney Matogrosso, nesse sentido, torna-se um símbolo de uma estética da resistência, onde seu corpo não é apenas visível, mas inclassificável, desafiando as normas e expectativas sociais que tentam moldá-lo. Sua presença no palco é uma declaração de liberdade, onde cada movimento e cada gesto se tornam uma forma de contestação à hegemonia da masculinidade tradicional. Sua voz, que ecoa com uma clareza performática, não apenas soa, ela desloca percepções, instigando questionamentos sobre gênero e identidade, e provocando uma reflexão sobre as normas que regem a sociedade.

O palco em que Ney se apresenta não é um mero espaço de exibição, ele se transforma em um campo de confrontação. Através de suas performances, Ney desafia as convenções estabelecidas, propondo novas formas de expressão que não apenas entretêm, mas também educam e provocam. Cada apresentação é uma interseção de arte e ativismo, onde o espetáculo se torna um meio de resistência e afirmação. Nesse contexto, o filme além de capturar a essência de Ney, a necessidade urgente de espaços de liberdade em tempos de opressão.

Frente aos atuais retrocessos políticos e morais no Brasil, o filme emerge como uma poética da insubmissão e do desejo, reafirmando a arte como um espaço de luta, memória e construção de futuro. Ao abordar questões como a diversidade, a sexualidade e a identidade de gênero, o filme se posiciona como um manifesto que desafia a homofobia, o machismo e outras formas de discriminação. Ele convida o público a refletir sobre a importância da inclusão e da representação, ao mesmo tempo em que celebra a individualidade de Ney Matogrosso.

Além disso, a obra serve como um lembrete poderoso de que a arte pode ser uma ferramenta de transformação social. Em um momento em que vozes dissidentes são silenciadas e a diversidade é frequentemente atacada, *Homem com H* se destaca como um farol de esperança, iluminando a importância da resistência cultural. Ney assim se torna uma voz potente em uma luta coletiva por reconhecimento e liberdade, simbolizando a capacidade da arte de transcender limites e criar novas possibilidades de existência.

Referências

- AUMONT, Jacques. **A Estética do Filme**. Campinas: Papirus, 1995.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- DYER, Richard. **The Matter of Images: essays on representations**. London: Routledge, 2002.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SEIDLER, Victor J. **Masculinities, Bodies and Emotional Life**. *Men and Masculinities*, v. 1, n. 1, p. 73–92, 1997.
- TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.